

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE ARTES
DEPARTAMENTO DE ARTE DRAMÁTICA
LICENCIATURA EM TEATRO

**PATETEOU. A RISADA DO PATETA, E SUA TEATRALIDADE, DENTRO DO
SISTEMA PENITENCIÁRIO GAÚCHO**

TIAGO RIES SCHMIDT

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Adriana Jorge Lopes Machado Ramos

Porto Alegre
2021

TIAGO RIES SCHMIDT

PATETEOU. A RISADA DO PATETA, E SUA TEATRALIDADE, DENTRO DO
SISTEMA PENITENCIÁRIO GAÚCHO

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Departamento de Arte
Dramática do Instituto de Artes da
Universidade Federal do Rio Grande
do Sul, como requisito parcial e
obrigatório para a obtenção do título
de Licenciado em Teatro.
Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Adriana Jorge
Lopes Machado Ramos

Porto Alegre
2021

TIAGO RIES SCHMIDT

PATETEOU. A RISADA DO PATETA, E SUA TEATRALIDADE, DENTRO DO SISTEMA PENITENCIÁRIO GAÚCHO

Aprovado em:

BANCA EXAMINADORA

-----/---/-----

-----/---/-----

-----/---/-----

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Silva (nome fictício, usado neste trabalho de conclusão de curso, para garantir a privacidade do entrevistado), meu grande amigo.

Agradeço a Universidade Federal do Rio Grande do Sul, pública e gratuita; e a todo corpo docente e discente.

Agradeço a Adriana, professora marcante. Orientadora que atravessa, que racha, que ensina, divide e educa.

Agradeço a Magda, minha companheira.

Agradeço a Maitê e Henrique, meus filhos.

A Vera (in memoriam) e Sandro, mãe e pai.

Pâmela e Leonardo, mais que colegas, artistas da vida real.

Micael, Tafate e Lívia, meus irmãos.

Dedicado a Yasmin, minha sobrinha, menina flor, agora anjo, que partiu no amargo e pandêmico fevereiro de 2021.

RESUMO

Este trabalho consiste na transcrição e análise, de um diálogo entre dois amigos. Silva, 48 anos, operário e ex-apenado por três anos (no período de 2008 a 2010), no Presídio Central de Porto Alegre, Penitenciária Estadual do Jacuí (PEJ), Colônia Penal de Charqueadas e Penitenciária Modulada de Montenegro; e Tiago, estudante, operário e artista. A força vital, pedagogia e teatralidade da risada do Pateta, e linguagens artísticas sensíveis ao olhar de Silva, durante o período de reclusão.

Palavras-chave: teatralidade, pedagogia, risada, sistema penal, linguagens artísticas.

ABSTRACT

This work consists of the transcription and analysis of a dialogue between two friends. Silva, 48 years old, worker and ex-convict for three years (from 2008 to 2010), in the Porto Alegre Central Prison, Jacuí State Penitentiary (PEJ), Charqueadas Penal Colony and Montenegro Modulated Penitentiary; and Tiago, student, worker and artist. The vital force, pedagogy and theatricality of Goofy's laughter, and artistic languages sensitive to Silva's gaze, during the period of reclusion.

Keywords: theatricality, pedagogy, laughter, penal system, artistic languages.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	1
2. OBJETIVOS	3
3. ÁUDIOS QUE NARRAM A EXPERIÊNCIA DE SILVA.....	4
4. GRADES. CHAVES.....	12
4.1 Pés	12
4.2 Pés e liberdade	14
4.3 Pés vegetais	15
5. EDUCAÇÃO LIBERTADORA	18
5.1 Híbrido. Paredes. Dureza.....	18
5.2 Sobre Artaud, o cárcere e a respiração.....	22
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	24
REFERÊNCIAS	27
ANEXO A – AUTORIZAÇÃO DE USO DE SOM E IMAGEM	28
ANEXO B – CONSTRUÇÃO COLETIVA DE POEMA.....	29
ANEXO C - OPERÁRIAS	30

1. INTRODUÇÃO

Elas voavam em blocos. Eu me via refletido no esgoto. Eu trabalhava com bombas, ferramentas e maquinários. Elas fecundavam flores. O zunido delas era abafado pelo som dos motores vizinhos, pelas serras cortantes e martelos batentes, de seus espectadores operários. Mas as operárias também eram elas. Cada segundo de descanso das relações metalúrgica-humanas, encontrava a dança alucinante das rainhas abelhas mamangavas.

Era o meu palco imaginário, o meu alívio. Atuavam, nesse momento, minhas atrizes polinizadoras de sonhos. Era a potência do teatro de Artaud, que fumegava em meu cérebro, contracenando e contrastante com a objetividade dos movimentos que consertavam peças, rotores, eixos, polias, rolamentos; e o concerto da natureza, o movimento daqueles animais que fabricavam frutas, e também esse filme com fundo verde, amarelo, preto, laranja e azul. Corpos e cabeças rolantes. Céu, concreto, ferragem, folhagem, liberdade.

Este trabalho se ambienta no concreto, na ferragem. Prisão, cárcere, grades. Silva, nosso entrevistado, encontra chaves resistivas nesse ambiente sufocante e claustrofóbico. Sua capacidade criativa e artística, é revelada, através de áudios da entrevista entre Tiago e Silva, apresentada nesta conclusão do curso de licenciatura em Teatro.

Sociabilidade, comunicação, afeto, inteligência emocional e atuação. Rir para não chorar. Rir para criar. Rir para criar força. Rir para recriar, dentro de um mundo cinza, cores.

Insiro um poema elaborado coletivamente, na disciplina Fundamentos do Ensino do Teatro I, ministrada pela professora Adriana Jorge, no primeiro semestre de 2015. Primeira experiência de planejamento e aplicação de aula, que tive na academia.

A construção do caveira

O prédio cinza

Chora

De mentira

Chora

De memória

Sorri

De saudades de uma época

Onde não era necessário

Nada além do agora

Agora de mentira chora

Agora de mentira ri

Pétreo Sorriso amarelo

2. OBJETIVOS

- 1) Buscar o entendimento da força da arte, através das memórias de Silva, em sua experiência no cárcere;
- 2) Estudar a linguagem poética, que evidentemente pulsa, até nos ambientes mais insalubres e coercitivos;
- 3) Manifestar a necessidade política e humana da cultura, da pedagogia teatral e da educação para todas as populações oprimidas.

3. ÁUDIOS QUE NARRAM A EXPERIÊNCIA DE SILVA

Tiago: *Primeiramente obrigado Silva, por estar colaborando dessa substancial forma importante no trabalho de conclusão de curso da licenciatura em teatro na UFRGS, e primeiramente eu te perguntaria ali né então, qual foi o período que tu passou apenas né, de que ano a que ano, e os locais, as casas que tu passou?*

Tiago: *Pergunta dois Silva: que tipo de acesso a cultura você tinha assim, tipo, algum livro, alguma possibilidade de ouvir alguma música, televisão, dvd, cd, algum tipo de possibilidade sonora, ou escrita, ou de alguma possibilidade artística assim de meios, instrumento musical, por exemplo né, o que era disponibilizado assim, e como era essa tratativa?*

Tiago: *Quando eu recebi uma carta tua, nunca vou me esquecer, agora não tenho mais ela comigo, por questão de mudança né, eu me lembro que tinha uma poesia muito crua, muito dura, muito real e um pedido do amigo ir visitá-lo, até que conseguimos concretizar isso cinco vezes né, mas existia a possibilidade de escrever lá dentro, de poetizar? Quem eram os artistas? E como tu conseguia te manter com força de vontade pra te ajudar e ajudar os teus companheiros?*

Silva: *Eu fiquei recluso de setembro de 2008 a dezembro de 2010.*

Silva: *E tive no presídio central, tive na Modulado de Montenegro, 1 ano e 3 meses. Daí eu fui puxar um semiaberto lá na colônia penal, lá em Charqueadas. Daí eu voltei pro fechado, na PEJE, depois me mandaram pro meu local, da origem do processo, que era Montenegro, eu voltei pra Montenegro. Depois eu fui...*

Silva: *Depois eu fui puxar o resto do meu semiaberto lá na área da PEJE lá.*

Silva: *Tive acesso a livros, minha família fornecia, e depois nós ia trocando lá dentro com quem tinha outro livro pra trocar né. Sempre tinha gente querendo trocar livro lá. Dentro do sistema é uma cultura própria. Existe uma cultura, um dialeto, a música. Tocava Racionais o dia inteiro né, o Diário do detento, diariamente, o dia inteiro aquela música. E aquela do 509E o Oitavo anjo. Tinha acesso a instrumento musical pra fazer pagode, samba né.. Cavaco, violão, pandeiro. E o resto da batucada era feito na mesa, no manual, na porta de lata. Volta e meia tu via alguém fazer um passinho, um break. E cada um escutava sua música né. Sertanejo, hip hop, funk, bastante funk, metal, e os pagodeiro né. Essas músicas tu escutava direto dentro do sistema né.*

Silva: *Dentro do sistema não é nada bom sabe?! Lá dentro, de hora em hora muda todo o clima da galeria. Tá tudo bem, tudo tranquilo, quando vê entra o GAM, entra a polícia antimotim, estourando bomba, dando tiro de bala de borracha, botando arma na cara da gente, pra geral, pra revista geral da galeria. E é um lugar que a gente sente muita saudade. A gente pensa assim na lembrança, a gente vive de lembranças o tempo todo. Tu tem tempo pra pensar tudo que tu fez de certo e errado desde o dia que tu nasceu lá dentro. Na primeira hora tu já se arrepende do teu crime, que tu cometeu né. Em um mês tu tá se arrependendo até da moedinha que roubou do buda da mamãe (risada). Não é fácil.*

Silva: *Lá dentro é um lugar assim ó, que tu escolhe né, qual o caminho que tu vai querer seguir. Tu já vai tá no fundo do poço, aí tu pode escolher se tu quer cavar mais um pouquinho ou se tu quer tentar se rebuscar né. Dar a volta por cima. E foi o que eu decidi fazer. Lá dentro daquele lugar mesmo, infernal, eu resolvi mudar. E tentar ser uma pessoa melhor. E eu sempre tentava ajudar meus colegas lá, que tem muita gente analfabeta lá dentro, sabe?! Às vezes eu tinha que ler uma carta pra alguém, escrever carta pra juiz, pedindo pra rever processo, pra pedir progressão, pra pedir remissão, pra cobrar prazos e datas né. A gente manda uma carta pro juiz e normalmente eu ajudava as pessoas a fazer isso. Escrevi várias cartas pra juízes e vários órgãos do governo aí e ligados à justiça eu mandei carta. Em nome das pessoas que necessitavam.*

Silva: *Até ligado a cultura, ligado à informação, leitura né. O livro mais lido dentro da cadeia é o código penal. É mais lido que a bíblia, a bíblia fica em segundo lugar. Que daí vai precisar de Deus, pra dar um apoio. Eu também ajudava a ler os processos quando chegavam. As condenação, até liberdade né. Vinha pena, vinha o processo, eu lia pros cara que não sabiam ler né. Eu tinha que ler os processos pra eles. Calcular pena, calcular remissão. Sempre envolvido. Aí ali o cara ia estudando as leis, sabe?! Chegava um cara de um artigo, nós ia lá ver qual a pena que poderia ser. Fazia um cálculo do que que o juiz poderia dar. Fazia uma enquete assim né: “Ba o que que tu acha assim esse caso?”. Todo mundo, bã, dava a sua opinião.*

Silva: *Mas dentro do sistema também tem gente com o intelecto bem grande, sabe?! Com conhecimento, com estudo. Tem gente bem inteligente lá dentro também.*

Silva: *E é o que eu digo, tu colhe o que tu planta. Eu como sempre fui camarada de muita gente, amigo de muita gente, uma pessoa conhecida né.*

Sempre fui legal, sempre tentei ser legal com todo mundo. Ser Justo. Defender quem era pra defender. Bater em quem era pra bater. E aí nesse meio aí tu leva algumas amizades né, que eu vim a encontrar lá dentro do sistema. Os caras já tinham experiência dentro do sistema. E cheguei lá já vieram, foram me ensinando tudo, a linguagem, o que eu podia fazer, as regras, o que eu podia fazer, o que eu não podia fazer, o que eu podia dizer. Me ensinaram a malandragem da cadeia, que é muita pegadinha, muita malícia, muita piada, é muita pegadinha né. Então o cara tem que tá esperto, quando vê tá pagando um mico pra um monte de gente sabe. E eles não perdoam né. Dentro do sistema é tipo num teatro cara, eles armam um teatro e todo mundo participa. Tipo a história da visita de 12h. Eles falam que tu tem que conseguir 50 assinaturas porque o juiz autoriza uma vista de 12h pra ti ir em casa pegar tuas coisas, te organizar e voltar pra cadeia. Bah daí todo mundo acredita né, todo mundo quer ir em casa, todo mundo quer se organizar pra puxar uma cadeia. E daí o cara sai pedindo assinatura pela galeria. E quem assina sabe que é piada, pegadinha né. Todo mundo assina. Às vezes o cara demora pra descobrir que é uma brincadeira. Às vezes conclui as 50 assinaturas pra saber que é brincadeira. (Risadas) É muito engraçado né cara.

Silva: É igual brincadeira, os novato assim, chega nos novato e pede pra eles pedir limão na outra cela: “ah vai ali na outra cela pede um limão”. Que não entra limão dentro do sistema. No período que tu tá ali tu não vai ver limão né cara, de forma alguma. E daí chega nos novato e: “bah vai ali na outra cela, pede uns limão pro cara”, ba os cara chegam a ficar brabo né, mas é isso. Mesma coisa pedir gelo né: “ah vai lá e pede gelo lá na outra cela”, não existe né cara. É a malandragem né cara. É teatro né cara. Pra divertir, pra passar o tempo. Sempre armando uma.

Silva: Uma observação né, que me admirou muito dentro do sistema, é ver os presos cara, gostavam muito de novela. Não perdiam uma novela, um capítulo, chegavam a comentar sobre a novela no pátio. Que que vai acontecer, que que não vai acontecer. Novelinha, cultura inútil, mas faz parte do nosso povo. (risada) E isso era muito forte lá dentro. Era sagrada a novelinha deles. Deus o livre de querer trocar de canal na hora da novelinha, podia dar até morte. E eu brincava muito que dentro da minha cela, apesar de ter pessoas de alta periculosidade, os caras eram um intelecto muito legal, muito divertido. A gente ficou tudo amigo e a gente brincava um com o outro com toda a liberdade assim né, de poder se expressar tranquilamente, e eu sempre falava com eles: “Pô, mataram lá na rua, assaltaram

banco, explodiram carro forte e agora tão aqui chorando assistindo uma novelinha né”. Bah eles ficavam muito putos comigo. E eu, como não gostava de novela, não podia deixar de me arriar né.

Silva: A minha passagem dentro do sistema eu defino como aquele filme do “Meu nome não é Johnny” só que eu não fui pra Paris, misturado com o personagem do “Majestade” do filme “Carandiru” que ele tinha duas esposas, e no período eu também né (risadas). ‘Por aí vai o pensamento poético da coisa” (mais risadas)

Silva: Também sempre quando chegava um preso novo, se perguntava se ele sabia tocar algum instrumento, se jogava futebol. Se falava que tocava instrumento já perguntava qual instrumento era né, e já mandava vir um violão pra testar né, ver se o cara tinha condições de depois fornecer um entretenimento pra nós. Depois da visita sempre era bem alegre, todo mundo tava com dinheiro, bastante comida. Normalmente era um clima bom assim. Daí rolava um batuque pra encerrar a visita, sabe?! Um pagodinho, um sertanejo. Sempre rolavam músicas.

Silva: Futebol também tinha uma influência bem grande, cultural dentro da galeria. E dentro da galeria sempre tem um time oficial né, uma seleção. Os melhores, que jogam pela galeria. Eles ganham comida, ganham cigarro, refri, um apoio pra visita, uma horinha a mais na “íntima” (risada). Tem umas regalias pra quem joga futebol pela galeria. Então isso influenciava bastante coisa né.. Tu chegava lá, eles perguntavam se tu tocava instrumento, se tu jogava futebol. Se tu jogava futebol já perguntavam onde que tu jogou, com que jogou. Daí o cara contava toda uma história né.. Que era o craque, que era isso, que era aquilo. Daí no dia seguinte ele era testado né, era testado em campo. Se aprovado, entrava pra seleção, pro time. Se não virava só um comum né. Aí tinha que jogar no time dos contra a galeria. Rolava aposta de refrigerante nesses jogo aí. Então depois do jogo sempre tinha bastante refrigerante pra beber. Alguém ganhava né. Se tivesse embolado, fosse amigo, cupincha, tu se lavava tomando refri. E, bã, refri tu sabe né, dentro do sistema é a coisa mais deliciosa do mundo né cara.

Silva: E o que movimentava uma grana lá dentro também era jogo de carta né. Cacheta e pôquer. Como é mesmo o nome daquele jogo que tem um monte de carta? Pera aí que me fugiu o nome, já falo aí

Silva: Pife e

Silva: Canastra!! O jogo de canastra também dava bastante dinheiro dentro da cadeia.

Silva: *O dialeto do sistema também é muito rico. Porque tudo tem um outro sentido. Tu entende, subentende o que é que tu tá falando. Tipo um código. E tem palavras lá que tu não pode usar nunca, que é “linguiça”, “ovo”, tem palavras lá que tu não pode falar nunca que vira uma malícia pura sabe?! Então, são substituídas essas palavras. Linguiça é chamada de “Tiguira”, café é “Moca”, feijão é “Poroti”, arroz é “Cereal”. Ovo tu não pode falar, não pode pedir nunca dentro do sistema né. Daí eles vão te perguntar se tu quer o esquerdo ou o direito (risada), é “Casquilho” ou “Semente”, “Semente de pinto”. Café é “Moca”. Pepino, essas coisas tu nunca menciona dentro do sistema né.. É vegetais, se não sabe o nome chama de vegetal, entendeu? E tantas outras palavras né cara. Tantos outros significados.*

Silva: *Telefone todo mudo sabe que era “piririm” né?” Número de telefone tu pedia o CEP. “Me dá teu CEP”, era pra ti dar o número. “Pessoal” é esposa, família né, teu pessoal. Sempre quando se dirigia a família de algum outro detento, sempre com muito respeito. Pra não dar ladaia, porque a família é uma coisa sagrada pro detendo. Então uma palavra mal colocada, mal intencionada, pode dar uma bronca séria sabe?! Acabar em briga.*

Silva: *Chip era “Pastilha”.*

Silva: *Cueca se chama “Coruja”.*

Silva: *Camisa, “Peita”.*

Silva: *O pote que tu come é “Pandeco”. Garfo, colher, é “Remo”.*

Silva: *Copo também era uma palavra que eles maliciavam muito né. Tinha que pedir pelo “Caneco”.*

Silva: *Pepsi, “Pepão”.*

Silva: *Como nós, nossa galera aí do centro né, que eu andei bastante aí né.. Nós inventava nossas expressões, nossas malandragens, nossas gírias, foi fácil eu me adaptar lá dentro.*

Silva: *Cama é “Jega” né, todo mundo sabe.*

Silva: *Tu lembra, né Tiago? Nós inventava nossas gírias. Nós se manifestava através de várias palavras, várias expressões né.*

Silva: *E daí então naturalmente eu ia introduzindo expressões e palavras dentro do sistema né... Às vezes questionavam, tentavam tirar o cara. Mas o cara sempre tinha que ter uma resposta pronta. Uma resposta pra tudo. Como a gente sempre foi esperto, sempre tinha uma resposta pra tudo, soluções, não era difícil.*

Silva: *É aí que entra também a risada do Pateta. Depois de uma certa amizade entre os componentes da cela né, a gente começou a ter a liberdade de cada um trazer uma brincadeira, uma bobice lá da rua, sabe?! E, tu lembra né? Eu sempre tava brincando com essa história aí, mas sem muita atenção né. E isso foi o que eu escolhi pra levar, trazer da rua ali pra dentro do sistema, pra tornar engraçado assim né. Normalmente o novato chegava dentro do sistema, a gente perguntava qual é que era a bronca, qual era o artigo, e sempre era uma história de super-herói né. Só que sempre tinha aquele instante em que ele dizia “daí a polícia apareceu”. E daí eu dava uma risada do Pateta (faz a risada do Pateta). Tipo né, a pateteada do plano todo. Criou todo um plano e pateteou na execução. E como eu morava numa cela de trânsito, que era 3 moradores fixos, eu e mais duas pessoas, nós éramos os moradores fixos da cela, o resto era trânsito. Os novatos chegavam e iam pra nossa cela pra nós entrevistar eles. Saber quem era, quem não era, que que fez, que que não fez, se não era estuprador, se não era “não sei o que”, se não era de outra facção, se não era inimigo, se era amigo, ou quem conhecia, os contatos de referências criminais né. E duas pessoas eram passageiras na nossa cela sempre, chegavam ali, ficavam uma semana e já transferiam pra outra cela.*

Silva: *Então eu sempre tive oportunidade de escutar o relato do B.O ao vivo, sabe?! A notícia contada pelo como é que é?... Pelo principal né... Ele era o causador do delito. Que às vezes ele tava nos contando, na cela, e passando o caso dele na televisão né cara. Várias vezes aconteceu isso.*

Silva: *Esses dias tu me perguntou se existia algum ritual, durante o pôr do sol, final da tarde né.. E existia uma brincadeira, tipo um ritual cara, que era diário. Diariamente feita essa brincadeira. Que assim que começava a escurecer, ficar escurinho assim, algum detento gritava: “Daonde a bandida meu?”, bandida é a esposa do detento (risadas). Daí um gritava de outra cela, ou de outra galeria “tá no tanque”, daí o outro perguntava “que tanque?”, daí ele retrucava “no tanque da “Titã” (risadas). Daí se perguntava de novo: “Daonde a bandida meu?”, daí um gritava: “fazendo bolinho”, daí o cara perguntava de novo: “bolinho de que?”. “Bolinho de macho na cama” (mais risadas).*

Silva: *E o último sempre gritava né? “Daonde Senhor? Quando que vai abrir seus cadeado?” (risadas) No pavor de traição né. Era muito engraçado cara. Quase morria rindo. Era uma galera que participava. Todo mundo ria.*

Silva: Também era o momento que fechava a galeria, sabe?! E que tu ouvia bastante pessoas falar, até gritavam na janela “mais um dia pago” e gritavam “liberdade para todos” (risada). E nos “Catatau” que eram as cartinhas de pedidos, de empréstimos e de todo o tipo de assunto né... Vinha no “Catatau”, vinha o assunto e embaixo sempre vinha escrito “liberdade para todos”. Qualquer assunto, qualquer coisa, se fosse pedir um pouco de café e açúcar, embaixo vinha sempre a expressão “liberdade para todos” (risada). Era umas coisa bem engraçada e igual, daí se tu fosse escrever um bilhete pra alguém, tu tinha que escrever embaixo, se não era ofensa né. Era tipo curtir a rede social da pessoa e não dar um like né.

Tiago: Daí meu irmão, queria te agradecer pelos teus relatos e dizer que tem uma boa pedagogia em toda essa história de alívio e amenização, desse ambiente que é claustrofóbico, sufocante, desse ambiente realmente prisional. E, muito bacana que a gente conseguiu construir, também juntos, a história dessa risada do Pateta. Que alivia, que ajuda, que diverte, e que nos dá força pra além, também, dessa história inicial dela, dentro do sistema, como a gente mesmo comentou. Vou terminar aqui te agradecendo profundamente mesmo. Em poucas perguntas ali tu conseguiu destrinchar uma carga grande de emoção, sentimento e ajuda, principalmente aos companheiros e amigos. E vou terminar aqui dando uma risada do Pateta então, que foi uma coisa que tu me ensinou, e me ajuda também, em momentos que a gente tá com alguma tensão que nos complica a vida né. (Faz a risada do Pateta). Brigadão mesmo Silva, tá? Te deixo a vontade pra colocar uma consideração final aí, e espero uma bonita duma risada do Pateta de uns 10 segundos aí, 15 aí, na finaleira. Gratidão mesmo. essa é a palavra amigo. E bora educar esse povo aí, que é o que o Brasil tá precisando. De educação, disso aí. Brigadão mesmo querido. (Faz outra risada do Pateta).

Silva: Bom, queria deixar um agradecimento, pela oportunidade né, e esclarecer, deixar bem claro que eu não sou bandido, não sou marginal, a ocasião tornou a situação. Todo mundo sabe que eu fui preso por causa de outra pessoa né, que eu abracei a bronca de outra pessoa. Acabei me prejudicando. Mas tentei ser eu mesmo, consegui ser eu mesmo lá dentro, não fui ansiando por nada, nem por ninguém, nem por situação nenhuma. Graças a Deus deu tudo certo, eu tinha bastante gente me ajudando né, tinha muita gente me ajudando financeiramente, psicologicamente, moralmente né. Por nenhum momento eu estive sozinho. Eu tinha a companhia da minha ex-esposa, da minha mãe, da minha família tudo, chegou

junto né. E é isso aí né povo, infelizmente aconteceu, mas já passou. Dei a volta por cima, são 15 anos aí trabalhando, cuidando da minha vida e da minha família. Do passado eu preservei pouquíssimos amigos, acho que não enchem uma mão. Mas é o suficiente já pra me acompanhar nessa caminhada aí. Tamo junto, é nós!

Silva: E a risada do Pateta a gente leva até hoje né?! Eu trago comigo até hoje. Quando eu dou uma mancada, dou uma pateteada, dou uma rateada. Muitas vezes a gente erra e quer ficar brabo consigo mesmo ou com qualquer outra pessoa, eu dou uma risada do pateta e aí já bloqueia essa negatividade e eu sigo tentando consertar o que eu fiz de errado, fazer o que eu não fiz, lembrar o que eu esqueci, né. E segue a vida, e vamo adiante. Depois de tudo que nós tamo passando e tudo que eu já passei nessa minha vida, e agora essa pandemia aí nos limitando. Não é fácil né... Vamo encerrar então com a risada do Pateta né!? E meu agradecimento a todos. (Executa a risada do Pateta e fala com a voz do Pateta) “Valeu galera. Mickey venha junto!!”)

Silva: (Na voz do Pateta) “Vamos pra Encantado” (Risada)

4. GRADES. CHAVES

4.1 Pés

Pés no chão. Escrita científica. Materialização de todo um curso, um trajeto, e, uma esteira acadêmica. O interlocutor do seu projeto, deve, preferencialmente, atuar em primeira pessoa. A experiência, a janela do assunto, a vontade. Que vontade? Fique à vontade para viajar. Será que consigo? Será que posso? Frases curtas, períodos curtos, conclusão, objetividade. Argumentos bem embasados, correlacionados, atrelados, amarrados? “A duração média das frases, na escrita científica, é de apenas 12 a 17 palavras”, disse o aluno pesquisador, especialista em artigos.

Eu passava horas, dias, meses, trancado, amarrado, trancafiado, em pensamentos, que não conseguiam alcançar o papel, a tinta da caneta, telas e teclados. Tudo que imaginei, pensei, e construí, em planos físicos, humanos, refletindo intensamente, na minha própria reclusão, pairava em plena depressão criativa e existencial.

Teatro para quem? Para que? Por quê?

Certa vez, uma daquelas inúmeras pessoas, que desmerecem a importância do ensino de Teatro, após muito criticar minha escolha, soltou:

- Te larguei pras cobras mano, vai fazer teatro na cadeia.

Na mesma hora respondi:

- Com todo o prazer, com toda a fundamentação pedagógica, pé por pé mano.

Primordialmente, minha posição tem de ser a de respeito à pessoa que queira mudar ou que recuse mudar. Não posso negar-lhe ou esconder-lhe minha postura, mas não posso desconhecer o seu direito de rejeitá-la. Em nome do respeito que devo dos alunos não tenho por que me omitir, por que ocultar a minha opção política, assumindo uma neutralidade que não existe. Esta, a omissão do professor em nome do respeito ao aluno, talvez seja a melhor maneira de desrespeitá-lo. O meu papel, ao contrário, é o de quem testemunha o direito de comparar, de escolher, de romper, de decidir e estimular a assunção deste direito por parte dos educandos. (FREIRE, 1996. p. 78)

As populações em situação de cárcere, nutrem-se de muita arte para suportar a reclusão. Existe a dura, mas concreta e vital, poética da resistência. A pandemia retirou, inclusive, o direito à visita em presídios, algo importantíssimo para a saúde emocional dos detentos.

Através do relato de Silva, e partindo do princípio de que, para conseguir escrever, é necessário juntar uma palavra à outra, brincamos com as palavras, com os sons. E inventamos, contamos, criamos, historiamos, produzimos.

Em 2016, na disciplina de Psicologia da Educação: O Jogo I, ministrada pela professora Tânia Ramos Fortuna, tivemos a tarefa de entregar um trabalho sobre o livro Gramática da Fantasia, de Gianni Rodari. Envolvido com a ideia, na saída de uma noite de aula na Faculdade de Educação da UFRGS (FACED), parei em uma padaria da rua Salgado Filho para lanchar.

Lancinantemente, surgiu-me a vontade de escrever sobre o livro - ao qual consegui a versão no idioma espanhol, e foi uma delícia navegar naquelas páginas. Havia esquecido meu caderno, em meio a minha transeunte rotina. Pedi uma daquelas folhas de papel manteiga gigante (usadas para enrolar pão), para a garçonete. E deste momento de fruição, surgiu o texto que reproduzo a seguir:

Estralo Estelar. Estalo Estrelar. Interestelaridades

“O sonido dos dedos de Estela quebrando o silêncio vacular universal. A ruptura de estruturas químicas radiosas distantes milhas e milhas do pátio nitrogenado no qual afundo meus pés. O céu esverdeado do outono (alaranjado para a maioria das córneas e bastonetes receptores visuais de humanos; para um semi-daltônico: ex-verde-ado), o ventinho polar queimador de bochechas. O balancear das palmeiras vizinhas em contraste com os gritos microfônados e macroaudíveis “arrasa-quarteirão” da conurbada ceita religiosa da vila de Estela; que num movimento manual flangelar sonoro arranca os pés barrentos do homem que em meio à úmida grama, enxerga o vazio decadente no horizonte (afinal, qualquer elemento sofre decaimento radioativo). Seus passos saem das argilas feldspáticas putrefatas, alcançam o carpete em frente a porta dos fundos. Suas mãos saem do microondas e atendem ao pedido dedal: o bico da mamadeira encontra a boca do bebê, e assim segue a via láctea”.

A tarefa ganhava um pontapé inicial. Resolvi seguir a escrita manual neste papel de seda, e entregá-lo neste formato arcaico. Levei comigo mais algumas folhas doadas pela confeitaria, e assim finalizei posteriormente a atividade proposta.

Espero que este pequeno livro possa ser útil a todos aqueles que acreditam no lugar de destaque que a imaginação deve ter no processo educacional, àqueles que acreditam na criatividade e que sabem o valor de liberação que a palavra pode ter. “Todos os usos da palavra a todos” parece um bom lema, sonoramente democrático. Não exatamente porque todos sejam artistas, mas porque ninguém é escravo. (RODARI, 1982, p. 11)

4.2 Pés e liberdade

Um dos maiores prazeres do fazer teatral, consiste em pisar num palco descalço. A energia de troca, com qualquer que seja o material do piso, é imensa, intensa. Na maioria dos movimentos corporais, os pés ditam sentidos, e reverberam por toda a sequência nervosa e muscular humana. Pés que andam, correm, chutam, pulam, dançam, e dão ritmo às cenas e propostas de exercícios cênicos.

Adoro colocar os alunos no chão, deitados de costas, com os braços abertos, e, principalmente, com os olhos fechados. Desligar, esvaziar, conectar-se com a respiração, concentrar-se em si. Longas inspirações e expirações, procurando perceber a movimentação do ato respiratório, na parte inferior, mediana e superior. Caixa aérea. Aos poucos, a expiração fraciona-se. Dois tempos de soltura. Quatro tempos. Seis. Oito. Dez. Doze. Conforme a disponibilidade temporal e disposição da turma, podemos chegar a até 16 fracionamentos, na expulsão do ar pela boca. Cada estágio, pode durar, em torno de 2 minutos. Ao final, libera-se a normalidade respiratória, e indica-se o comando de início do movimento pelas extremidades dos pés. A partir dos pés irradiam-se as possibilidades voluntárias do corpo de saída da inércia. Estímulos sonoros são importantes. A musicalidade influencia no ritmo e amplitude deste mover sensível. Passando pelos níveis baixo e médio, com os olhos cerrados, e ao chegar no nível superior, já eretos, orienta-se a turma a abrir os olhos e deslocar-se pelo espaço.

Alguém emitia um assovio conhecido, lá na frente de casa. Era uma quinta-feira a noite de dezembro de 2010. Da janela da varanda, joguei as chaves do portão para Silva. Este, descalço, entrou, abraçou meu filho e eu, e com uma voz de desenho animado, sorrindo, com todo o prazer emitii: “Eu estava atrás das grades, mas saí”.

Silva nos contou, que é tradição deixar os calçados para quem necessita na penitenciária. Com o documento que isenta a passagem rodoviária nas mãos, a identidade, os pés no chão e a liberdade no bolso e na garganta, saía da Penitenciária Modulada de Montenegro um novo ser, muito mais forte, e com muita história e arte pra contar e dividir. Cantava a “Lili” (Liberdade).

4.3 Pés vegetais

Quem não se encontra preso? Preso ao cotidiano, cercado de problemas, de boletos, boletas e amarras? Para quem as faculdades públicas destinam e destinarão suas vagas? Você sabe quais são os horários das disciplinas obrigatórias do currículo do curso de Teatro da Universidade Federal do Rio Grande do Sul?

Gostaria de entregar este documento oficial de conclusão de curso, em papel de pão, escrito à mão, cursivamente. Assim como nascem as ideias, elas morrem. Muita, mas muita gente, necessita trabalhar, ganhar seu sustento em horários fixos, diurnos. Encarar a academia, não é nada fácil, para um sujeito híbrido.

Chegamos ao ponto. Professor, mas também: mecânico, garçom, segurança de boate, frentista, atendente de loja, vendedor, motorista, eletricitista, gari, operador de máquinas, telefonista, trabalhador, trabalhadora. Como acreditar que é possível graduar-se? Como organizar o tempo para conseguir assistir e frequentar ativamente às aulas?

É necessário além de força, coragem e organização, dar o primeiro passo. Tentar, lutar, acreditar. Plantar.

Não se trata obviamente de propor à população expoliada e sofrida que se rebelde, que se mobilize, que se organize para defender-se, vale dizer, para mudar o mundo. Trata-se, na verdade – não importa se trabalhamos com alfabetização, com saúde, com evangelização ou com todas elas -, de, simultaneamente com o trabalho específico de cada um desses campos, desafiar os grupos populares para que se percebam, em termos críticos, a violência e a profunda injustiça que caracterizam sua situação concreta. Mais ainda, que sua situação concreta não é destino certo ou vontade de Deus, algo que não pode ser mudado. (FREIRE, 1996. p. 88)

Sou estudante de teatro. Sou ator da minha vida. Sou técnico em mecânica da Companhia Municipal de Saneamento de Novo Hamburgo. Sou um ser político, sonhador.

Antes de ingressar no Departamento de Artes Dramáticas da UFRGS, antes de querer atuar como professor de artes, comecei a cultivar mudas de maracujás.

As primeiras sementes da fruta da paixão foram enterradas em um caixote de madeira, com terra preta de compostagem. Lagartas adoram as folhas desse saboroso fruto. Transformam-se em exuberantes borboletas, voam e colorem a atmosfera, porém, reduzem os pequenos e inofensivos pezinhos a talos infrutíferos. É necessária vigília diária. O primeiro óvulo depositado nas frágeis folhas verdes precisa ser esmagado com as pontas dos dedos, afinal, agrotóxicos sempre

estiveram longe de cogitação, desde minhas primeiras ideias de pomerização de ambientes.

Após este cuidado com pragas atingir domínio, consegui transferir três mudas para uma área verde da empresa na qual trabalho há mais de vinte anos. Duas delas foram decepadas pela equipe de poda e jardinagem. Uma morreu aparentemente sem explicação. Canídeos vira-latas demarcam seus territórios com urina. Pesquisa de campo adquirindo conhecimento pela prática. Tentativa e erro. Os próximos pés encontrariam uma redoma demarcatória, e não ficariam proximais aos dormitórios de nossos *Rexs* (nome estrangeiro popular que imaginei ter esta forma plural), *Bobs e Lunas*.

Neste tempo, ainda lidávamos com a espécie encontrada facilmente em mercados hortifrutigranjeiros de grande porte, o maracujá azedo. Percebi que cambiei a subjetividade da pessoa “eu” do discurso deste artigo, para “nós”. É uma obviedade, nada se constrói sozinho.

Construtivismo é uma tese epistemológica que defende o papel ativo do sujeito na criação e modificação de suas representações do objeto do conhecimento. O termo começou a ser utilizado na obra de Jean Piaget e desde então vem sendo apropriado por abordagens com as mais diversas posições ontológicas e mesmo epistemológicas. Hoje é atribuído a abordagens da filosofia, pedagogia, psicologia, matemática, cibernética, biologia, sociologia e arte. As teses comuns à maioria dessas abordagens (à exceção do construtivismo social) são relativas à questão da origem do conhecimento: a rejeição ao objetivismo de matiz empirista e a adoção do sentido kantiano da metáfora da construção. Caracteriza-se de forma negativa pela rejeição ao objetivismo pois defende que o objeto não determina completamente em um sujeito supostamente passivo as representações que este tem dele. Caracteriza-se de forma positiva pela defesa de duas teses kantianas: a que as representações (intuições sensíveis) que temos da realidade são condicionadas pela estrutura de nossa mente e construídas automaticamente por ela; e a que as hipóteses que construímos sobre como o objeto funciona podem ser alteradas e substituídas voluntariamente quando falham em suas predições do que receberemos pelos sentidos. Construtivismo não deve ser confundido com construcionismo, pois o último na verdade rejeita tanto o conceito de sujeito construtor quanto o realismo. (WIKIPÉDIA, 2021)

As trepadeiras cresceram. No primeiro ano, obtivemos uma pequena colheita, de poucas dezenas de frutas, em quatro estruturas vegetais, até então, bem cuidadas, e bem consolidadas. As raízes ancoravam-se em um Maricá, e um Ipê amarelo, dividindo o espaço das copas em uma elegante e plástica simbiose. No segundo ano produziram abundantemente. Efervescência, promiscuidade, polinização executada por fervorosas abelhas mamangavas (ideais, eficientes).

Um quatro dezenas de quilogramas de pura vitamina. Bastava encontrar o geóide frutífero caído ao chão, pois amadureciam nas alturas, e sua extração se

dava desta forma. Mamíferos coletores, socialistas, dividindo o cultivo deste néctar sem propriedade definida. No terceiro ano, três pés morreram. A abundância de chuvas do inverno gaúcho, causou um tipo de apodrecimento nas raízes das plantas, que se encontravam afixadas na parte inferior de um talude do jardim, e acumulavam a tal umidade inexistente, em terras nativas nordestinas, do maracujá azedo.

O outro exemplar fora covardemente assassinado por um usuário desconhecido do estacionamento da empresa. O pé não acumulava água no solo, mas, provavelmente, causou um amassadinho no teto do veículo do casmurro funcionário, ao despencar um saudoso e fabuloso fruto amarelo. Aprendizado. Estaca zero novamente. Pensei em desistir dos tais maracujás. Já tínhamos dúzias de limoeiros, bergamoteiras, laranjeiras, goiabeiras. Seis abacateiros, uma jaboticabeira e uma pereira. Todos saudáveis.

Até que, em uma caminhada pelas cercanias de uma estação de tratamento de esgoto da cidade, descobri uma plantação natural, realizada pelas fezes de pássaros, que atingiu os arames limítrofes ao banhado colateral. Eram frutos externamente roxos. Descobri que eram nativos da mata Atlântica, e pela degustação, percebi a extrema doçura. Separei sementes, produzi mudas, e sob todos os cuidados já descritos, criamos nossos bem-aventurados vegetais. Pesquisamos, e adquirimos mais duas espécies da região, com amigos ecossocialistas.

Em quatro anos, nosso espaço verde laboral modificou-se. Dezenas de pés nativos, do roxinho, do vermelhinho, do miudinho e do oval multiplicaram-se. Seres humanos, aves, roedores, insetos e biomassa orgânica do solo se alimentam. A natureza controla tudo. Safras generosas de fevereiro a maio. Existe arte em uma flor de maracujá? Talvez para alguns não. Centenas de flores e frutos de maracujá em um bosque te inspiram? Nutrem-te? Eu adoro olhar, admirar, regar, cultivar, comer, beber e distribuir.

5. EDUCAÇÃO LIBERTADORA

5.1 Híbrido. Paredes. Dureza.

Se o Silva aguentou a crueldade de seus anos em cárcere, o Tiagão tiraria de letra, trabalhar a noite inteira na firma, e encarar as aulas práticas de teatro no DAD (Departamento de Arte Dramática) na manhã seguinte. Com certeza, era regozijante cantar, conversar, dançar, atuar, pensar, teatralizar, aprender com colegas e professores beneméritos, cativantes e experientes. No ano de minha entrada no curso de Teatro da UFRGS, 2015, convivia eu, com a eminente perda de minha matriarca para um câncer. Morte consumada em julho deste período, mas não sem antes assistir ao vivo seu filho em cena, no Estúdio 2 do DAD.

Conhecer a história do teatro, os antigos registros helenísticos, os ditirambos. Entender o importante papel político e social. Saber que as tragédias eram coletivizadas, doutrinadoras do Estado grego, e que as comédias remediavam as necessidades terapêuticas apenas da pequena elite dominante. Ler os clássicos de Shakespeare, Moliere e Sêneca. Embarcar em partituras inéditas, em meu corpo que se achava velho, enferrujado, robotizado, petrificado; mas ressuscitava a cada *vieja* canção indo-latino-americana proposta aos finais de cada aula.

Dar as mãos em cantigas de roda, voltar a ser criança. Chorar de alegria ao término caminhante de cada aula. Lágrimas que cessavam com leituras ao longo do trajeto metroviário diário, e fortaleciam a vontade de continuar estudando, desconstruindo uma universidade que privilegia ricos. Difícil era encarar a realidade do cotidiano laboral. Solda, corta, aperta parafuso, solta porca, engraxa mancal, troca rolamento.

Artista híbrido. Pedreiro de paredes inimagináveis, desbravador de arte pseudo-ezquizoexistente. Sobrevivente do capitalismo selvagem. Poeta do cotidiano real.

Transcrevo, abaixo, imagens decodificadas da minha mente, do meu dia a dia.

Floreio, casulo. Nuvens formadoras de imagens infinitas, infantis, artísticas. Ar. Asas. Ar e garras. A metodologia científica acusa erro na construção do período anterior. A norma escrita. A relação causal. O modelo,

normatividade. Berçário de mudas. Mudança de rotas. O trem. O trem. Laboratório e estrada. Cento e oitenta quilômetros diários de BR. Vidas perpassantes, trânsitos, diálogos. Silêncio. Chuva. Mato. Bomba. Válvula, borboleta. Válvula-borboleta. Válvula-borboleta hidráulica.

Método das ações físicas, correria, correria. No alto de um vigoroso eucalipto pousa o gavião carcará. Os dois gritos silvos, silvestres, acusam o pulo, o voo. Da plumagem do meu macacão, sinto o vento do outono. O fim de tarde dos céus que cantam a liberdade. Prego, ferrugem, corretor que teima em manter inícios de frases com letra maiúscula.

Colateral. Viral. Teatro visceral. Artaud. Cotidiano sem novela televisiva. Saudades dos raros almoços na praça Argentina, ao lado da Santa Casa, com meu personagem James, com o amigo Leo, e seu personagem Jim (meu irmão), e todas as possibilidades de criação, a medida que chegavam mais personagens reais dessa fábula chamada análise humana, pesquisa interna externada, ficcionada. Relações, mancais de rolamento de vida. Teatralidade de cada instante.

Pra May): Vestiu roupa
Feita de asas de cigarra
Agora ela já pode cantar

De quando ele se lembrou que havia pensado em incluir aqui algumas poucas anotações do seu diário dos últimos dias De quando a chuva voltou com força e um cavalo relinchou perto no pasto mas fora da sua visão (aliás por falar em visão é bom falar que o sofá onde ele está sentado e escreve se encontra diante de uma grande janela que dá para uma clareira do mato de árvores altas e de um verde bem escuro – especialmente com a parca luz desta manhã de chuva – e dá também para uma outra casa vazia mais afastada) De acordo como ele se dispõe a se levantar e pegar o celular (que aqui está sempre fora de área) onde estão as notas do seu diário De como ele se levantou pegou o celular e lembrou que ainda não tinha colocado música nessa manhã como fazia todas as manhãs nos últimos dez dias e decidiu não colocar música porque poderia alterar a sua escrita Mas vamos às notas: “07 de julho de 2018 Pousado Santuário das Aves... Poderia ser santuário das águas. Águas águas águas Só havia água no meu caminho até aqui E quando cheguei fui recebido por elas...as águas O caminho debaixo d’água cruzando pequenos riachos O caminho de areia encharcada O caminho de vegetação embaixo d’ água Caminho atravessando poças, charcos, pântanos E mais água caindo, jorrando de um céu gelado e úmido E no final de um jantar, um vinho, uma conversa inesquecível com o Brum. (SILVEIRA. 2018, p. 11)

Liberdade de escrita, de fala, representatividade. Inventar novas palavras, ressignificar sentidos de verbos, vocalizar emoções, sentir, sobreviver, quebrar normas. A metodologia de pesquisa em artes cênicas que me atravessa é subversiva. Nada de enquadramentos, nada de abordagens agressivas

impositivas. Como Silva bem frisou, na cadeia tudo muda, a todo o tempo. Cueca é coruja, ovo é semente de pinto. Ou melhor dizendo, eram os termos mais usuais destes verbetes, do dialeto carcerário metropolitano gaúcho, no recorte de tempo ao qual temos a capacidade de tatear, pela observação filológica de Silva.

Fora da América Latina, especialmente na Europa, a situação da linguística, como de outras ciências num dado momento histórico, depende normal e principalmente da personalidade de certos estudiosos e das tendências das ideias por eles determinadas. O estado atual da linguística latino-americana, que não tem autonomia ideológica nem metodológica, depende, ao contrário, das condições ambientais em que se desenvolveu. Este fato distingue radicalmente a linguística latino-americana da linguística de outros lugares, sobretudo da linguística da Europa Ocidental. O problema da direção no desenvolvimento da linguística latino-americana não é tão relevante quanto o problema do grau do seu desenvolvimento. Portanto, um mínimo de conhecimento dessas condições histórico-culturais e materiais é necessário para uma apreciação bem fundada das realizações, deficiências e possibilidades da linguística latino-americana. (NARO, 1976, p. 15)

O cansaço era neutralizado pelo contato, pela improvisação e aceitação de uma rotina híbrida. Dias dançantes, alucinantes. Contato-improvisação. Circulação de ideias, mentes e corpos ativos. Aulas, voluntarismo docente, vontade de abraçar o mundo. Atuação social consciente, transformadora.

Quando entrava um novo apenado, nas galerias dos frios casarões que o Silva frequentou, a turma sempre questionava como se sucedeu a queda. - "Como caiu pros "homi" malandro"? E lá vinha a resenha, variadas histórias, de assaltos mirabolantes e fugas mal sucedidas (evidentemente, nestes casos enclausurantes), que sempre acabavam com a voz de prisão.

Nesse momento, todos sabiam que era a deixa pro Silva entrar em cena: pulando e disparando engraçadíssimas imitações da risada do Pateta, da Disney. Ao final da rápida performance, todos olhavam para o novato, e uníssonos disparavam: pateteou. Calorosa recepção, que tornou-se ritual e traço cômico-cultural, das populações que tiveram a grata satisfação de conviver com o nosso querido colaborador deste trabalho. Experimentação de dublagem, neologismo, partitura vocal e corporal. Atuação, suavização, manutenção do humor e socialização.

O cuidado com um berçário, de maracujás ou crianças, depende da dedicação e do amor. A socialização, ou ressocialização de um indivíduo, é resultado dos fatores educacionais pedagógicos disponibilizados ao sujeito. Colônias penais agrícolas ensinam através deste viés lúdico-biológico. Cuidar de

uma planta desde o enterramento da semente, da observação da absorção de sol, água e nutrientes.

Nutrir, cuidar. Produzir. Frutar, desfrutar. A construção de um ambiente saudável não deveria se basear em grades, paredes, muros (mesmo que inevitáveis), e mesmo grades, paredes e muros, podem ser coloridos, arborizados, possuir mini-hortas aéreas, criarem uma história de um local mais humano.

Conhecer os alunos, suas vontades, peculiaridades. Ouvir, fruir. Aula aberta, de compartilhamento de conhecimento. Vias didáticas de mão dupla. Fazer teatro é oficinas, é dividir o palco, a fala, o grito, o choro e o sorriso. É pensar coletivamente. O livro didático mais eficiente do professor de teatro é a escuta. Páginas ricas em arte, em vida, em emoção: seres humanos.

Nesta reta final do curso de licenciatura, perdemos o calor da convivência física. A pandemia do Corona vírus nos isolou, nos obrigou a depender de ferramentas eletrônicas comunicativas. Encontrar motivação para criar se tornou muito difícil. Ansiedade, medo, frustração, impossibilidade de deslocamentos para dados de pesquisa acadêmica, perda do tesão. Como diria o magnânimo professor Mesac Silveira, “sem tesão não dá”.

Afastar essa névoa contaminante depressiva. Ouvir uma música, ler, assistir uma peça, na fria distância do vídeo. Buscar recursos de animosidade, tentar sobreviver, resistir. Garimpar em terreno ermo, seco. Achar arte no cotidiano sombrio.

Artistas híbridos encontram arte até em ambientes sufocantes. A amenização de horas de labor, necessárias à sobrevivência, encontra força em zoológicos formados pelas nuvens de outono. Um simples olhar pra cima, e pronto, a força da tromba de um elefante formada no céu invade o corpo que cava, os braços que lançam a enxada ao alto e à terra. O pêndulo é poesia discreta, é o fio condutor que abre a trincheira para a passagem dos cabos elétricos, e ao mesmo tempo, encontra diálogo com o movimento do ar, da atmosfera que abraça e arrefece.

Das maravilhas que meus sentidos me possibilitam, adoro observar a mudança das cores dos anoiteceres. De preferência, deitado na grama, ou salpicado de areia, e até mesmo imerso em águas circulantes. Corriqueiro mesmo é observar o lusco-fusco da janela do trem, enlatado na dança do vagão

lotado; e é gostoso demais estar vivo, suado, indo ou voltando, estudando ou trabalhando. Livre, atuando, pensando, transitando entre diversos mundos possíveis, fantasiosos e passageiros.

Imagine assistir ao espetáculo diário do pôr do sol na cadeia. Como me disse Silva: "não é de barbada, e ainda assim é um espetáculo cultivado, aguardado, venerado e aplaudido".

5.2 Sobre Artaud, o cárcere e a respiração

Artaud foi poeta de seu tempo. Artaud disse não ao cárcere que o textocentrismo do teatro francês pregava. Para ele, a palavra estava morta. Ou melhor, falar, falar e não dizer nada; Era preciso buscar, rebuscar, cavocar, experimentar, se doar para encontrar o sentido, a semente do teatro. Cultivo da natureza, semente, riso, descontração, enrijecer. Antes de parir a palavra, o que acontece no corpo?

RESPIRAR. O GRITO. Qual é a primeira ação do bebê ao nascer? PROVOC-AÇÃO. GRITO. Somos um acúmulo de ressonâncias, de potências corpóreo-vocais. É necessário trilhar, experimentar um longo caminho, para que se chegue à palavra racional. A descrição, a oratória perfeita que faz com que nos intercomuniemos. Mas e o corpo? O que é mais importante, o que é menos importante? Não hierarquizante. Redescoberta, redescobrir, cobrir, descobrir. É o riso, dentro de um estado de cárcere, que promove as pequenas liberdades. Ao ser compartilhado e disseminado pelos corredores da cadeia, os homens se redescobrem em sociedade, em coletivo. Entre quatro paredes, acontece um espetáculo, onde atores e espectadores se comunicam através de sons provocadores, sons primórdios que o nosso corpo consegue produzir.

É Artaud do cárcere do sanatório - sua visão de mundo não servia para "a sociedade de bem". Sua vontade de encontrar-se com a natureza, de senti-la, de pesquisar com ela, novas formas de relação através do teatro, não servia para uma sociedade embolorada. Tão embolorada quanto velhos escritos trancafiados em uma gaveta. Artaud queria voltar, queria a história do fim para o início. A Gênese do homem. O que nos faz assim? O que temos/somos, em comum, se não um monte de ressonadores, articulações e gemidos?

Artaud adoraria a transgressão antiformal, de um manifesto acadêmico que bebe e delira completamente de seus ideais de crueldade, e sequer cita-o. Porém, por hora, deixemos nosso caríssimo Jean Genet de fora. E fechamos este capítulo, com nosso amado, e abasileirado, “Toninho Artô”.

Chega, serei compreendido daqui a dez anos pelas pessoas que então estiverem fazendo o que vocês fazem agora. Então conhecerão meus mananciais de água fervente, verão minhas geleiras, aprenderão a neutralizar os meus venenos, entenderão os jogos da minha alma. (ARTAUD, 1983, p. 22)

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Cair, decair, errar, patetear. A experiência do cárcere é traumática. A vontade de ser plenamente livre novamente, precisa permear a inteligência emocional do indivíduo detido, contido, distanciado do mundo, emparedado. A risada do Pateta, desenvolvida por Silva, suaviza as dores da saudade, tristeza, solidão.

Capacidade de comunicação e socialização, dentro de um sistema fechado e insalubre, são mecanismos de proteção instintivos. Este trabalho, primordialmente, traz á tona, a voz do ser humano oprimido. Obrigado Silva, por tamanha nobreza, ao dividir conosco os momentos mais cruéis da tua vida. Obrigado por ceder a essência da pedagogia da resistência.

A arte salva vidas. A arte encontra caminhos, até no fundo do poço mais profundo. Plantemos educação para todos, arte para todos. LIBERDADE PARA TODOS. LIBERDADE PARA TODAS.

Abaixo, segue a letra da música Oitavo Anjo, do grupo de rap 509 E, verdadeiro hino libertador.

OITAVO ANJO

Acharam que eu estava derrotado
 Quem achou estava errado
 Eu voltei to aqui
 Se liga só escuta ai ao contrário do que você queria
 To firmão to na correria
 Sou guerreiro e não pago pra vacilar
 Sou vaso ruim de quebrar
 Oitavo anjo do apocalipse
 Tenebroso como um eclipse
 É seu pesadelo tá de volta
 No puro ódio cheio de revolta
 Vou te apresentar o que você não conhece
 Anote tudo vê se não esquece
 Você verá que não deixei me envolver
 Pra sobreviver por aqui tem que ser
 Mesmo no inferno é bom saber com quem se anda
 Senão embaça vira desanda

Vejo vários irmão tomando back
O barato é feio bem pior que o crack
Quiaca todo dia cabo branco na mão
Encontrar a morte é 1 2 ladrão
Mais um pilantra foi sentenciado
Sua pena: morrer esfaqueado
Aqui é foda não tem comédia
O clima é de tensão maldade inveja
A destruição mora nesse lugar
E mesmo assim não deixei me levar
Subi chegar na humildade e pá
Faça o contrário caro pode te custar
Obrigado deus por me guiar
Só em ti tenho forças pra lutar
Descobri que além de ser um anjo
Eu tenho cinco inimigos...
Irmãos de atitude moram comigo
Ehh... Manos de estilo
Zé carneiro doidera até os ossos
Patrão de renome vários sócios
Facínoras contaminados pelo ódio
Rejeição abandono é óbvio
Estar em cana é embaçado
Quem nunca esteve não tá ligado
Uns querem te ajudar outros de afundar
Jogue o dado em quem confiar
Quem é quem difícil saber
Só mesmo deus pra te proteger
Fulano entra aqui pede licença até o pro boi
Chega devagar se vacila já foi
Maluquinho primário é cruel
Sentirá o gosto amargo do fel
As grades te fazem chorar
A saudade na direta vem te visitar
É difícil ter a mente sã
Detenção pior que o vietnã
Um cristão em ligou pra me dar uma idéia
Disse pra mim que Jesus tá a minha espera
Disse também pra eu mudar de vida
Ai mano não me escondo atrás da bíblia

Sou quem sou assim sigo em frente
Deus está comigo não preciso virar crente
Nada contra quem é na fé
Mas tem canalha que se esconde né
Muitas coisas aprendi
Várias fitas erradas na prisão eu vi
Injustiças aqui humilhação ali
Cadáveres sangrando perto de mim
Obrigado meu deus por me guiar
Só em ti tenho forças pra lutar
Descobri que além de ser um anjo
Eu tenho cinco inimigos...
Cadeia um cômodo do inferno
Seja no outono no inverno
Sem anistia todo dia é foda
Cadeia ai maluco tô fora
Continuar no crime não tô afim
Não quero mais essa vida pra mim
Num pássaro voando enxerguei minha verdade
Compreendi o valor da liberdade
Na paz sigo sempre mais
Pena que esta idéia pra você tanta faz
Escuta lá ou não qual a diferença
Representei não tive recompensa
Se conselho fosse bom não se dava
Luz pra cego que piada
Ei mano de nos ouvidos
Não seja vocês mesmo seu próprio inimigo
Termino por aqui espero que me entenda
Pra que depois não se arrependa
É tudo no seu nome decide ai
Escolha seu caminho o exemplo tá aqui
Obrigado meu deus por me guiar
Só em ti tenho forças pra lutar
Descobri que além de ser um anjo
Eu tenho cinco inimigos
Preciso de uma casa para a minha velhice
Porem preciso de dinheiro pra fazer investimento (509-E, 2000)

REFERÊNCIAS

ARTAUD, Antonin. **Escritos de Antonin Artaud**. Tradução, seleção e notas Cláudio Willer. Porto Alegre. L&PM, 1983.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia** – Saberes Necessários à Prática Educativa – 1996.

NARO, Anthony Julius. **Tendências Atuais da Linguística e da Filologia no Brasil**. Rio de Janeiro, F. Alves, 1976.

CONSTRUTIVISMO. Disponível em <<http://pt.m.wikipédia.org>>. Acesso em 01 maio 2021.

RODARI, Gianni. **Gramática da Fantasia**. São Paulo: Summus Editorial, 1982.

SILVEIRA, Mesac. **Metodologia de Pesquisa em Artes Cênicas: Um Romance** – Livro 1 – Fotos com uma Zenit Polar russa/Mesac Silveira – Porto Alegre: Marcavisual, 2018.

509-E, Grupo de Rap. **Oitavo Anjo**. Faixa 06 do Álbum Provérbios 13. São Paulo, 2000.

ANEXO A – AUTORIZAÇÃO DE USO DE SOM E IMAGEM

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE ARTES
DEPARTAMENTO DE ARTE DRAMÁTICA

AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E VOZ

Neste ato, e para todos os fins em direito admitidos, eu, Mauricio Jorge Ramos,
RG nº 8048671594 autorizo expressamente a utilização da minha
imagem e voz, em caráter definitivo e gratuito, constante em fotos, escritos e filmagens
para fins de conclusão de curso de Graduação – Licenciatura em Teatro do pesquisador
Tiago Ries Schmidt, orientando da professora Dra. Adriana Jorge Lopes Machado Ramos.
Podendo o material ser exibido para fins acadêmicos e mantido no banco de dados da
UFRGS.

Mauricio Ramos

Assinatura do participante

ANEXO B – CONSTRUÇÃO COLETIVA DE POEMA

O prédio ^{o conteúdo do poema} chora
 chora
 de mentira
 Chora
 de memórias
 Sorri
 De saudades de uma época
 onde não era necessário
 nada além do agora
 Agora de Mentira chora
 Agora de Mentira ri
 PÉTRICO SORRISO AMARELO.

2015 / 1
 FUNDAMENTOS DO ENSINO DO TEXTO

ANEXO C - OPERÁRIAS

